

## UM EXAME MORFO-FONOLÓGICO DOS PLURAIS EM /ãw/ EM PORTUGUÊS

Regina Célia Pagliuchi da Silveira\*

Com a atenção voltada para o ensino/aprendizagem de língua portuguesa, este trabalho tem por objetivo examinar as flexões de plural do morfema nominal /ãw/ do português.

Sabe-se das dificuldades existentes para a flexão de plural deste morfema e que nossos gramáticos a tratam como irregularidade.

Tem-se por ponto de partida a diferença estabelecida entre regra e processo para a substituição de segmentos. As regras são impostas, aprendidas e invariáveis; os processos são variáveis e aplicados todas as vezes que os usuários da língua enfrentarem uma dificuldade, seja esta de ordem articulatorio-acústica, mórfica, sintática, semântica e mental. Assim, as aparentes invariabilidades da flexão de plural do morfema nominal /ãw/ serão examinadas, considerando o segmento constituído de traços fonológicos, suas combinatórias com outros constituintes silábicos, suas causas históricas e seu vocábulo fonológico em relação ao vocábulo mórfico; busca-se verificar, enfim, as causas que levaram nossos gramáticos a estabelecer regras de substituição do segmento /ãw/ nas flexões de plural por /ãws, ãys, õys/; verificar, também, porque estas substituições, enquanto regras, aceitam uma, duas e até três formas de flexão de plural para um mesmo vocábulo, por exemplo: *pão-pães; mão-mãos; mamão-mamões; sacristão-sacristãos, sacristães; vulcão-vulcões, vulcões; sultão-sultãos, sul-*

---

\* Professora do Departamento de Língua Portuguesa da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

tães, sultões.

Sabe-se, também, que a regra é sincrônica, mas que toda regra nasce de um processo aplicado e aceito historicamente. Por esta razão, a pesquisa realizada procurou historicamente verificar as causas que levaram à aplicação de processos de substituição que hoje são considerados regras gramaticais. Buscou-se também verificar com informantes representantes da norma culta, em São Paulo, quais as suas preferências para a escolha da flexão de plural do morfema /ãw/, em formas nominais.

Para tanto foi realizada uma pesquisa em gramáticas portuguesas e brasileiras, em compêndios de gramática histórica do português, em gramáticas latinas e em dicionários etimológicos e contemporâneos. Foi realizada, também, uma pesquisa com informantes adultos universitários, representantes da norma culta (alunos de pós-graduação da PUC/SP). Buscou-se verificar como estes informantes aplicavam a substituição do segmento /ãw/ na flexão de plural, quais preferências, quais dificuldades que encontravam e como as resolviam em situação tensa e relaxada.

Até o momento, obtiveram-se os seguintes resultados, examinando-se a substituição de segmentos:

## I. Quanto às regras do padrão gramatical

### 1.1. uma forma de plural

Em geral, a regra imposta pelo padrão gramatical do português para a formação de plural é o acréscimo de /-S/, na forma singular.

Todavia, em se tratando dos substantivos terminados pelo segmento /ãw/, há diversidade de substituições para a forma singular. Esta variação resulta do acusativo plural da palavra latina, de onde provêm os nomes:

*mão* < *manum*: acus. plural - *manus* - *mãos*;

*pão* < *panem*: acus. plural - *panes* - *pães*;

*leão* < *leonem*: acus. plural - *leones* - *leões*.

#### 1.1.1. a substituição pelo segmento /õyS/

Segundo Said Ali<sup>1</sup>, em português os substantivos terminados em “-ão” são inúmeros. Como procederam, salvo poucas exceções, uns por

<sup>1</sup> SAID ALI, M. *Gramática histórica da língua portuguesa*. São Paulo : Melhoramentos, 1964.

filiação direta, outros por criações analógicas de nomes latinos em “-o”, genitivo “-onis”, formam naturalmente o plural em “-ões”. Realmente, em fala rápida os informantes dão preferência pelo plural em /õyS/. Esta regra tem uma causa histórica, morfológica, e é originada de uma regra latina para a flexão de plural desinencial “-o-ōnis” e generalizada para “o-inis”.

- a) -tione > ão (a maioria das palavras em “ão” do português):  
*canção < cantione < cantio, ōnis; fração < fractiōne < fractio, ōnis; lição < lectiōne < lectio, ōnis; menção < mentiōne < mentio, ōnis; nação < natiōne < natio, ōnis; questão < quaestiōne < questio, ōnis; razão < ratiōne < ratio, ōnis; tição < titiōne < titio, ōnis; eleição < electiōne > electio, ōnis; operação < operatiōne < opērātio, ōnis;*
- b) -sione > ão:  
*conclusão < conclusiōne < Conclusio, ōnis; confissão < confessiōne < confessio, ōnis;*
- c) -ione > ão:  
*opinião < opiniōne < opīnio, ōnis; religião < religiōne < religiō, ōnis;*
- d) -udine > ão:  
*multidão < multitudīne < multitūdo, ĩnis; solidão < solitudīne < solitūdo, ĩnis; solicitação < solitudīne < sollicitūdo, ĩnis.*

É interessante observar que o uso de /õyS/ se generaliza e passa a ser aplicado para qualquer vocábulo novo ou para a substituição do morfema sufixal aumentativo, na flexão de plural; por exemplo: felicitação, felicitações; vozeirão, vozeirões, etc.

Esta regra de substituição por /-õyS/ tem uma causa histórica que é morfológica (plural da 3ª declinação), mas que por ser uma terminação eufônica para os falantes nativos de língua portuguesa generaliza-se a partir de processos em que a flexão de plural assim foi substituída, tornando-se a mais freqüente e preferida dos usuários de língua portuguesa. Assim, por exemplo: 1) do latim: *chorão < plōrātor, oris; leitão < lactone (leite) - lacto, as, avi, atum, are; feijão < phaseolus, i*; 2) pela mudança de classe gramatical: *viração < virare* (do alto latim); 3) pela substituição da terminação: *folião < folia* (do latim); 4) plural de aumentativo: *caixão < caixa, doidão < doido*; 5) do francês: *botão < boton, bouton*; 6) do espanhol: *canhão < cañon; mamão < mamon < mama*; 7) do gótico: *gavião < \*gavilane*; 8) do castelhano: *rincão < rincón*; 9) do inglês: *vagão < waggon*; 10) do árabe: *limão < limun*. Em todos estes casos há troca por /õyS/.

### 1.1.2. a substituição pelo segmento /-ãwS/

Embora esta substituição devesse ser a mais freqüente, já que por regra há /+S/ na forma singular, não o é; esta regra é aplicada em vocábulos quando o segmento /ãw/ é:

#### 1.1.2.1. tônico

a) em monossílabos portugueses de origem latina, com o segmento mórfico /-anU/. Por exemplo: *grão granu - granum, i; mão manu - manus, us (um); chão planu - planus, a, um; são sanu - sanus, a, um; vão vanu - vanus, a, um;*

b) em vocábulos portugueses com mais de uma sílaba, de origem latina de formas derivadas com o segmento mórfico /-anU/. Por exemplo: *cris-tão < christianu - christianus, a, um; irmão < germanu - germanus, a, um; meão < medianu - medianus, a, um; meião < medianu - medianus, a, um; pagão < paganu - paganus, a, um; temporão < temporanu - temporanus, a, um; terção < tertianu - derivado de três; quartão < quartanu - quartus (medida);*

c) em vocábulos portugueses com mais de uma sílaba e de origens diversas para a terminação /ãw/, por exemplo: *cidadão < \*francês cidade +ão; cortesão < ital. cortigianu; coimbrão < coimbra; comarcão < comarca.*

Os casos apresentados sugerem que a flexão de plural pela substituição por /ãwS/ ocorre quando: o vocábulo singular é monossílabo tônico português de origem latina; as formas singulares são derivadas com /-anu/ > /ãw/, sendo que o usuário tem a possibilidade de resgatar a base lexical e o sufixo “anu” < “ão”; ou o sufixo “ão”, e a base lexical, sendo que “ão” tem outras origens. No caso de “cortesão”, em geral, os usuários desconhecem a origem; ora resgatam “corte”, ora “cortês”; assim, muitos gramáticos indicam como regra duas formas de plural: “cortesãos” e “cortesões”, seguindo a regra mais eufônica.

É interessante observar que os termos em “-anu” foram poucos em relação aos em “-onis”. Todavia, se se houvesse mantido a diferença das terminações em “-om, -am e -ão” não teria havido dificuldades. Mas, desde cedo, segundo Willians<sup>2</sup>, elas se confundiram na pronúncia e daí a dificuldade para a formação de vocábulos de filiação latina, cuja etimologia era obscura ou esquecida; maior, ainda, para os termos novos ou importações estrangeiras.

<sup>2</sup> WILLIAMS, E. B. *Do latim ao português*. 3ª ed. trad. Antonio Houaiss. Rio de Janeiro : Tempo Brasileiro, 1975.

### 1.1.2.2 átono

Os vocábulos átonos na terminação /ãw/ flexionam no plural, aplicando-se a regra de substituição por /ãwS/. Tudo indica que sendo a terminação singular, átona, os usuários de língua portuguesa não a reconhecem como sufixo derivacional. Pode-se indicar:

- a) ão < anu - órfão < pelo lat. *orfanus* < do grego *orphanos*;  
órgão < pelo lat. *orgānum*, *i* < do grego *organos*;  
sótão < do lat. *sūbtūlū*, *subtus* (adv. *debaixo*);
- b) ão one - bênção do lat. *benedictione*;
- c) mudança de classe de palavra - acórdão (da 3.º p. do pl. do verbo *acordar*, “*concordon*”).

Todavia, os falantes encontram dificuldade de acentuar a tônica antes de um ditongo nasal; assim, resolvem a dificuldade, acentuando na oxítona. Neste caso, a flexão de plural ocorre com a substituição por /õyS/, generalizando-se este processo em uma regra. Por exemplo: *frângão*, *frângãos*; *frangão*, *frangões*; *gólfão*, *gólfãos*; *golvão*, *golhões*; *lódão*, *lódãos*; *lodão*, *lodões*.

### 1.1.3. A substituição pelo segmento /ãyS/

Esta flexão é originada dos termos latinos em *ane* > *ães*. Estes vocábulos também são em número reduzido em relação aos em “-one”. Esta flexão é regra para:

#### 1.1.3.1. monossílabos

Vocábulos como: *cão* < lat. *canis*, *is*; *pão* < lat. *panis*, *is*. Atualmente encontramos as formas derivadas: *canil*, *canífero*; *panificar*, *panificadora*;

#### 1.1.3.2. em formas com mais de uma sílaba:

- a) do latim: *escrivão* < *scriba*, *ae* - *scribānis*,  
*escrivão* < *scriban*;  
alemão < *alemannu* - *alamānnis* - *alaman*;
- b) de outras origens: \* de oc. ant. *capellannu* < *cappella*, *capelão* < *capelán*;  
\* *capitānu* (cf. *capitaneus*) *capitão* < *capitan*;  
do prov. ou do ant. cat. *catalan*, *catalão* < *catalan*;  
do árabe *al-laban* “ovelhas que dão leite”, *alavão* < *alaban*;  
do malaio *magistan*, *mangustão* < *magistan*;  
do lat. *tabellione* < *atabillar*, tomado do cat. *tabellar*, *tabelião* < *tabellar*.

É interessante observar que as formas flexionadas com /ãys/, têm a forma feminina em /ã/: *escrivão, escrivã; alemão, alemã; capitão; capitã; catalão, catalã; alavão, alavã; magustão, magusta; tabelião, tabeliã; charlatão, charlatã; guardião, guardiã.*

## 1.2. duas formas de plural

### 1.2.1. /ãw/ substituído pelos segmentos /ãwS/ e /ãys/

A aplicação destas regras para o mesmo vocábulo decorre da dificuldade resultante do desconhecimento da forma de origem. Assim:

#### a) *sacristão - sacristãos, sacristães*

*sacristão* < do lat. *sacrīstāne*, derivado de *sacrista*, formado com o sufixo greco-latino /-ista/, mas declinado *sacristanis-anem*, como se fosse nome germânico; *estão, sacristão, sacristães*. Todavia, segundo os dicionários etimológicos, parece que a substituição pelo segmento /ãwS/ tem causa analógica com o vocábulo *crístão* < *crīstus* + *anu*; Aurélio e Caldas Aulete registram como forma latina "*sacristanus*", daí "*sacristãos*".

#### b) *refrão - refrãos, refrães*

*refrão* do ant. provençal *refranch* "canto de pássaros"; segundo P. Machado parece que *refranch* é derivado de *refránter* "modular" e este de *fránter* "romper". Ao se associar à forma *refrão*, a flexão de plural é "refrães"; ao se associar à forma *refranu*, "refrãos".

### 1.2.2. /ãw/ substituído pelos segmentos /ãwS/ e /õys/

A regra é a substituição de /ãw/ por /ãwS/; todavia, por se desconhecer a origem, generaliza-se e aplica-se a substituição por /õys/, tal como é realizado com palavras novas e formas de aumentativo. Assim:

#### a) *vulcão - vulcões, vulcões*

*vulcão* < do latim *vulcanu*, então "*vulcões*"; mas ao se enfrentar o desconhecimento da origem, ocorre "*vulcões*";

#### b) *anão - anãos, anões*

*anão* < do gr. pelo lat. *nānu*, esta terminação flexiona *anu* > *ãos*; mas devido ao desconhecimento da origem, "*anões*";

#### c) *verão - verãos, verões*

*verão* < do lat. \* *vērānu*, derivado de "ver" (daí, primavera); trata-se da abreviação do latim vulgar *veranum tempus*; devido ao desconhecimento da origem, generaliza-se e, "*verões*";

- d) *castelão - castelãos, castelões*  
*castellum*, portanto a flexão em “castelãos”; todavia, os usuários por desconhecimento da origem, substituem por “*castelões*”;
- e) *corrimão - corrimãos, corrimões*  
*corrimão* < do lat. *manu* que na forma composta *corri* (*correr*+*mão*), *manu*, leva à substituição por “*corrimãos*”; todavia, o desconhecimento da origem leva à generalização e ocorre a forma “*corrimões*”.
- f) *hortelão - hortelãos, hortelões*  
*hortelão* do lat. *hortulanu*, forma derivada do diminutivo *hortūlus*, daí a flexão “*hortelãos*”; mas o desconhecimento da origem leva a generalização e ocorre “*hortelões*”;
- g) *formão - formãos, formões*  
*formão* < do lat. *forma*, mas do persa *farman* < *farmudam*; frente a dificuldade ocorrem as duas flexões de plural;
- h) *fuão - fuãos, fuões*  
*fuão* < do árabe *fulán*
- i) *marrão - marrãos, marrões*  
*marrão* < do árabe *mharram*, *marrano* “cristão novo”, mas entrada pelo esp. *marrano*;
- j) *cortesão - cortesãos, cortesões* (ver obs. 1.1.2.1.)
- k) *artesão - artesãos, artesões*  
Das palavras e suas formas de plural, registradas em nossas gramáticas, esta foi a única que tem duas formas, tendo uma causa semântica:  
*artesão* < do fr. *artisan* < do ital. *artigiano*, tendo no feminino a forma *artesã* e havendo no plural a substituição por “*artesãos*” - “os artífices”;  
*artesão* < *artesanão* (do gr. *artós*) - “adorno arquitetônico, painéis decorados”, havendo a substituição por “*artesões*”, seguindo a generalização. É interessante observação que há preferência por “*artesões*”, indicando o desconhecimento das duas formas e seus conteúdos de predicação.

### 1.2.3. /ãw/ substituído pelos segmentos /ãyS/ e /õyS/

A regra de substituição por /ãyS/ é aplicada quando o vocábulo teve uma forma, em “an, ani” e a flexão de feminino é /ã/. Porém, a dificuldade ocorre quando se desconhece a origem e/ou não há flexão de feminino, havendo a substituição por /õyS/. Estas duas substituições, segundo o padrão gramatical ocorrem nas seguintes palavras:

- a) *faisão* - *faisães*, *faisões*  
*faisão* < pelo prov. e ant. cat. *faisan* < do lat. *phasianu*, vindo do grego;
- b) *truão* - *truães*, *truões*  
*truão* < do fr. *truand*, de origem céltica;
- c) *alcorão* - *alcorães*, *alcorões*  
*alcorão* < do ar. al-quran;
- d) *alazão* - *alazães*, *alazões*  
*alazão* < do ar. *hiçan*;
- e) *bastião* - *bastiães*, *bastiões*  
*bastião* < do germ. *bastjan* “trabalho com cortiça”; do ital. genovês *bastione* “obra fortificada”, que pelo fr. *bastion*, entrou no port. *bastião* “muro que serve de anteparo ao ângulo saliente de uma fortaleza”;
- f) *charlatão* - *charlatões*  
*charlatão* < \* do turco para o italiano *ciarlatano*, possivelmente pelo fr. *charlatan*, com a flexão de fem. /ã/;
- g) *cirurgião* - *cirurgiães* - *cirurgiões*  
*cirurgião* < do lat. \* *chirurgianu*, derivado de *chirurgia*, tendo a flexão de feminino em /ã/;
- h) *guardião* - *guardiães*, *guardiões*  
*guardião* < *wardianem*, que por romanização do gótico > *wardian*, aceitando, como regra de feminino, a substituição por /ã/;
- i) *rufião* - *rufiães*, *rufiões*  
*rufião* < possível procedência do lat. \* *rufularus*, *rúfus*, que através de documentos registrou-se *rufianes*; é um vocábulo comum a todos os romances do Ocidente, mas de origem incerta e que aceita como regra a flexão fem. /ã/;
- j) *matacão* - *matacães*, *matacões*  
*matacão* < composto de *matar*, possivelmente \**matacan*;
- k) *rabadão* - *rabadães* - *rabadões*  
*rabadão* < do ar. *rabb ad-dan*.

### 1.3. Três formas de plural

Nestes vocábulos, segundo o padrão gramatical, são aceitas três substituições: /ãwS/, /ãyS/ e /õyS/. Claro está que esta variabilidade nasceu de processos aplicados para resolver algum tipo de dificuldade. Estas três formas de plural são aceitas para os vocábulos:

- a) *ermitão* - *ermitãos*, *ermitães*, *ermitões*  
*ermitão* < do lat. \**er(e)mitanu*, conferindo no espanhol, *ermita-*



no; com a terminação -anu, o plural em “ermitãos”; mas, no baixo latim encontram-se as formas *ermitane*, *eremita*, derivadas de “*yermo*”, do lat. tardio *eremus*, este do gr. *erémos*; com a terminação -ane, o plural em “ermitães”; *diante da dificuldade da origem, generaliza-se e há a substituição por peões ermitões*;

- b) *deão* - *deãos*, *deães*, *deões*  
*deão* < do lat. *decanus*; então, “*deãos*”; pelo antigo francês *deien*, *doian*; daí, “*deães*”; no português, sendo *deão* um galicismo, generaliza-se a regra, e “*deões*”;
- c) *sultão* - *sultãos*, *sultães*, *sultões*  
*sultão* << do ar. *sultân*, então “*sultães*”; mas também a forma *sultano*, no ital. e ocorre “*sultãos*”; a dificuldade é resolvida pela generalização e, então, “*sultões*”;
- d) *vilão* - *vilãos*, *vilães*, *vilões*  
*vilão* < do lat. vulgar \* *villanu*, então “*vilãos*”; mas também da forma *vilán*, cuja flexão de feminino em português é *vilã*, aceitando, daí, “*vilães*”, a dificuldade resultante da origem, resulta na substituição pela generalização, então “*vilões*”;
- e) *aldeão* - *aldeãos*, *aldeães*, *aldeões*  
*aldeão* < forma ant. *aldeano*, daí o plural “*aldeãos*”; porém, não se tem certeza se a entrada é espanhola ou leonesa e a forma feminina é *aldeã*, então “*aldeães*”; frente à dificuldade, resolve-se pela generalização e ocorre “*aldeões*”;
- f) *ancião* - *anciãos*, *anciães*, *anciões*  
*ancião* < do lat. mediev. *antianu*, então “*anciãos*”; este vocábulo possivelmente veio do lat. ante- “antes”, de \* *antius* e pelo fr. “*ancien*” ou do prov. “*ancian*”, que em port. tem a forma feminina *anciã*, daí “*anciães*”; a dificuldade é resolvida pela substituição do segmento em “*anciões*”, generalizando-se.

## II. Quanto à regra ou aos processos aplicados pelos falantes

Os falantes nativos de língua portuguesa, representantes da norma culta em São Paulo, têm as seguintes preferências:

### 2.1. uma forma de plural

Tanto em fala tensa, quanto em fala relaxada, aplicam as regras do padrão gramatical para a substituição de /ãw/ na flexão de plural:

- a) monossílabos: *mãos*, *pães*, reconhecendo os segmentos de origem (-*anu*, -*ani*), já que estes se mantêm em formas derivadas: *manu-* *manual*,

*granu- granulado*; ou, não: *chão - plano*; por exemplo: com /ani/: *cão- canil*; *pão- panificar*. Todavia, quando não há possibilidade de se resgatar, sincronicamente, o segmento de origem, e o vocábulo tem a forma feminina em /ã/, na fala rápida, há a substituição por /ãys/: *são- sã, sães; vão- vã, vães*;

b) dissílabas: /ãws/: *cristãos, meãos, temporãos, cidadãos, cortesãos* (-anu), já que estes vocábulos sincronicamente estão relacionados a outros, com o segmento /anU/: *cristão, Cristiano* (nome próprio); *meão, mediano; irmãos, germano; temporão, temporano, contemporã(i)o*; ou, resgatam uma base lexical + *ão: cidadão - cidade + ão; corte(gianu) + ão*. Todavia, quando se tem dificuldade de resgatar a origem, em vocábulos com mais de uma sílaba, na fala rápida ou relaxada há substituição por /õys/: *comarcões, temporões, cortesões (cortês; -/ãys/: escritvães, alemães, capitães, catalães, tabeliães, charlatães, guardiães, etc.*, já que se reconhece a forma feminina com o segmento /ã/: *escrivã, alemã, guardiã, etc; -/õys/* quando não há o reconhecimento da origem, quando a palavra é de formação nova (-ãw), quando há a formação com o aumentativo, ou quando se reconhece a origem -*onis*, a substituição mais generalizada é por “ões”, indicando a preferência tanto para a aplicação da regra, quanto para a aplicação de um processo para resolver uma dificuldade encontrada para aplicar as regras de substituição por /ãws/ e /ãys/.

## 2.2. duas formas de plural

a) /ãws/ e /ãys/: a regra, historicamente, é a substituição por /ãys/, atribuída ao segmento /anI/: *sacristão- sacristães*, já que *sacrista, sacris + ista*, foi declinado *sacristanis- anem* como se fosse nome germânico; todavia, em certo momento esta regra passa a oferecer dificuldade de aplicação, pois por analogia com *cristianu* há o registro da forma *sacristianu*; aplica-se, então, um processo de substituição por /ãws/; os falantes-informantes dão preferência por “*sacristãos*”, também resgatando a origem pela analogia. Já em *refrão*, a regra, historicamente, “substituição por /ãys/” é originada da forma *refrão < refranch > refran*; todavia, esta regra passa a oferecer dificuldade de aplicação, pois associa-se à forma *refrano*, então, *refrãos*. (Aurélio, registra esta flexão de plural, citando Ronald de Carvalho: “o artista conhece o segredo dos ritornelos, a química dos refrões”);

b) /ãws/ e /õys/: a regra, historicamente, é a substituição por /ãws/, devido à terminação /anU/: *vulcanu, vulcãos; nãnu, anãos; veranu, verãos; castelanu, castelãos; corri+ manuu, corrimãos; hortelanu, hortelãos*; todavia, por não se resgatar a origem, a dificuldade é resolvida pela substituição por /õys/, que, por ser aplicada por escritores de “prestígio”, passa

a ser uma regra gramatical. Os informantes dão preferência pela substituição por /õyS/, mesmo no vocábulo “*artesão*”, provavelmente por desconhecem a oposição semântica das duas formas de plural;

c) /ãys/ e /õys/: a regra de substituição por /ãys/ tem, historicamente, sua causa, pois o segmento a ser substituído era /ã/: *faisan, faisães; truan(d), truães; al-quran, alcorães; hiçan, alazães*; ou porque, embora com a terminação em /anU/, a forma feminina em português é /ã/: *charlatanu-charlatão, charlatã; \*chirurgianu- cirurgião, cirurgiã*, substituindo no plural por *charlatães, cirurgiães*; todavia, por desconhecimento histórico dos vocábulos ou por não haver associação com a forma feminina, a substituição por /ãys/ passa a oferecer dificuldades, assim, em geral, os informantes tanto em fala tensa, quanto relaxada, dão preferência por /õys/, generalizando-se este processo que passa a ser registrado como regra gramatical, por ocorrer em textos escritos por autores de “prestígio”.

### 2.3. três formas de plural

Segundo nossos gramáticos, alguns vocábulos podem ter três flexões de plural - “*ães, ãos, ões*”. Historicamente:

a) a substituição por /ãwS/ é a regra que se aplica para a terminação /anU/: *\*er(e)mítanu, “ermitãos”*; *decanu, “deãos”*; do ital. *sultanu, “sultãos”*; *\*villanu, “vilãos”*; forma ant. *aldeano, “aldeãos”*, lat. *medieval antianu, “anciãos”*;

b) a substituição por /ãys/: muitos destes vocábulos tiveram também a terminação /anI/ ou /ã/: baixo lat. *ermitane, “ermitães”*; pelo fr. *deien, doian, “deães”*; do árabe *sultân, “sultães”*; a forma *vilán, “vilães”*; do fr. *ancien* ou do provençal *ancian, “anciães”*; ou ainda quando o vocábulo tem a flexão de feminino em /ã/: *aldeanu*, não ser tendo certeza se a entrada no português é espanhola ou lionesa, mas o feminino *anciã*, daí “*anciães*”;

c) a substituição por /õys/: os informantes deram preferência pela substituição por /õys/, em todos os casos de três formas de plural, tanto em fala tensa, quanto relaxada.

Este estudo permitiu verificar a possibilidade de se estudar morfológicamente outras questões que são problemáticas para o ensino/aprendizagem de língua portuguesa, segundo o padrão gramatical. Embora haja escolas lingüísticas que direcionem a descrição da língua por níveis estanques ou por regras ordenadas, há necessidade de se considerar que os processos de segmentação do contínuo sonoro são mentais e que as permutas e substituições não ocorrem tão livremente e tão estanqueamente, como antes era aceito; as unidades da língua, enquanto segmentos,

organizam-se psiquicamente em unidades maiores, que vão do sintagma mórfico, passando pelo vocábulo, pé, sílaba até ao fonema. Faz-se necessário, também, considerar a diferença entre regras e processos, já que historicamente a regra atual nasceu de um processo.